



MOTHER AND CHILD / JOHN FREDERICK LEWIS, C. 1865

Mães e filhas 4

A complexidade da relação mãe-filha nos transtornos alimentares: um olhar da psicanálise 7

leituras 10, 11

Cadernos da **CEPPAN** Revista de Transtornos Alimentares

Publicação Trimestral da Clínica
de Estudos e Pesquisas em Psicanálise
da Anorexia e Bulimia (CEPPAN)

CONSELHO EDITORIAL

Ana Paula Gonzaga e Cybelle Weinberg

REVISÃO

Walter Lellis Siqueira

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Carlos Alberto Sardenberg

PROJETO GRÁFICO E ARTE FINAL

2 Estúdio Gráfico

TIRAGEM

1.000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

R. João Moura, 627, cj 203
cep 05412-001
Tel. (11) 3081 7068
ceppan@uol.com.br
www.redeceppan.com.br

*Somente será permitida a reprodução
total ou parcial dos textos mediante
autorização do Conselho Editorial*

APOIARAM ESTA EDIÇÃO

Casa de Ideias Produções e Editora

Francy Ribeiro Moreira

Isaura Martinelli Amaral

CEPPAN

COORDENAÇÃO

Ana Paula Gonzaga
Cybelle Weinberg

MEMBROS EFETIVOS

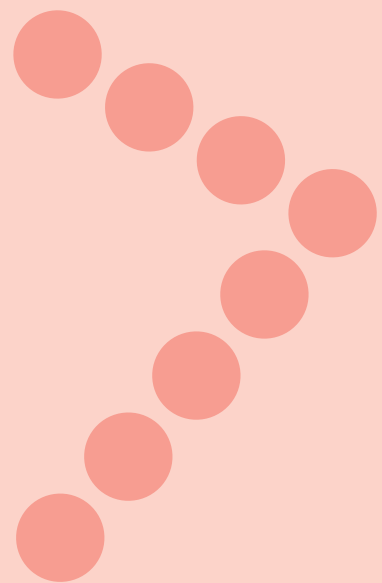
Ana Carolina Saraiva
Ana Carolina Vasarhelyi
Ana Tereza de Almeida Alonso
Danyella de Melo Santos
Jaqueline Cardoso
Marina Fibe De Cicco
Patrícia Gipsztein
Talita Nacif

MEMBROS ASPIRANTES

Carla P. de A. Cardoso
Cátia Sandor Pedrico
Daniele Gonzáles Lopes
Sílvia Rocha Guimarães
Telma Kimenes
Wania J. de Arruda Camargo

MEMBROS COLABORADORES

Alicia Cabelo
Evelin Schiller Chaves
Francy Ribeiro Moreira
Kelly Cristina Gonçalves
Luciara Regina R. Lima



Este número dos *Cadernos da Ceppan* privilegia artigos que abordam a relação mãe-filha nos Transtornos Alimentares. Tarefa nada fácil, pois corre-se o risco de desconsiderar que essa relação se passa no campo do imaginário.

Apesar dessa dificuldade, as autoras, em seus artigos, abordam o tema de uma forma delicada e competente. Buscam nesse enlace, que tem a feminilidade como cenário, os elementos determinantes da estruturação de uma subjetividade. Reportam-se, assim, às fantasias, idealizações e conflitos interpessoais, não adentrando no campo da realidade concreta, em que se poderia esbarrar facilmente em questões próprias da moralidade, com um caráter acusatório e culpabilizante.

Falam, sim, de uma relação que se faz presente tanto no imaginário da filha como no da mãe, e de como as vicissitudes dessas identificações poderão promover organizações patológicas como as presentes nos Transtornos Alimentares.

Trabalhar com esse tema tem sido objeto de estudo de muitos autores e, desde o início do projeto de pesquisa da Ceppan, chamou nossa atenção a referência constante a esses transtornos como uma patologia da mulher. Pareceu-nos que aí se encerra um enigma que considera a feminilidade como um “complexo” a ser vivido e superado na evolução psíquica, e que deve ser ressignificado na diferenciação sexual.

Ao propor esse tema, pretendemos, além de instigar uma discussão que considere a importância dessa conflitiva nos Transtornos Alimentares — relação imaginária entre mãe e filha —, contemplar autores que estejam comprometidos com a pesquisa psicanalítica nesse campo.

Sabemos que há, ainda, muito a pesquisar nessa área, e este tem sido um dos objetivos centrais do trabalho desenvolvido pela Ceppan.

Mães e filhas*

entre uma mãe e uma filha, há muitos mundos... O da paixão, da fusão, da ilusão de que não há limites de compreensão, nem de amor. O do afeto, da amizade, da delicadeza, da realização, da continuidade, do resgate, do carinho, da beleza, da maternidade e infinitos outros. Há, também, o universo da raiva, da rivalidade, da cobrança, do conflito, da inveja, da disputa, da dependência...

O que faz com que mãe e filha sejam referências da sabedoria popular quanto à dedicação e ao carinho e, ao mesmo tempo, lugar de intensas dificuldades, batalhas e culpas? *Uma relação tão delicada*, peça de teatro de Leila Assumpção que ficou alguns anos em cartaz em São Paulo e foi assistida por inúmeras mães e filhas, emocionou plateias, com as atrizes percorrendo sua trajetória de vida, do nascimento da filha ao envelhecimento da mãe.

Seguindo essa referência, vamos começar a pensar sobre essa relação tão delicada no exato momento em que uma mulher descobre estar grávida de um bebê do sexo feminino. Apenas para lançar uma luz retroativa a esse instante, o desejo de estar grávida está associado a uma de nossas primeiras identificações maternas: queremos ser mãe como nossa mãe. Prova desse fato é a brincadeira preferida das meninas pequenas: “vamos brincar de mamãe e filhinha?” A disputa para ser a mãe no grupo de meninas é feroz. Desejo primeiro e precoce de toda menina: ser mãe, como a própria mãe.

A gravidez é a realização na vida adulta desse desejo primordial e tão postergado. Quando o bebê gestado é do sexo feminino, há quase uma reedição do que foi vivido com a mãe, o difícil e o fácil dessa relação. Reedição com aspectos conscientes e inconscientes, afinal, como Freud incomodadamente revelou, nossa consciência é apenas a ponta do *iceberg* do mundo psíquico. Só para exemplificar, as facetas inconscientes do psiquismo podem se revelar por meio de manifestações físicas. Não é incomum a gestante de “primeira viagem” descobrir na experiência com o próprio corpo a história da mãe: uma paciente que teve várias dificuldades para amamentar no peito seu bebê soube, a partir desse fato, que nem sua

Marina Ribeiro

Psicanalista e autora do livro: *Infertilidade e reprodução assistida – Desejando filhos na família contemporânea.*

*Artigo publicado originalmente na *Revista Psique Ciência e Vida*. Ano II, n. 22, Novembro de 2007, com o título *Mães, filhas e muitas confusões*.

mãe nem sua avó materna tinham conseguido amamentar. Para três gerações de mulheres a amamentação foi uma experiência dolorosa e fracassada. Genética? Não apenas, mas também uma experiência emocional marcada a ferro e fogo no corpo/psiquismo inconsciente dessas mulheres.

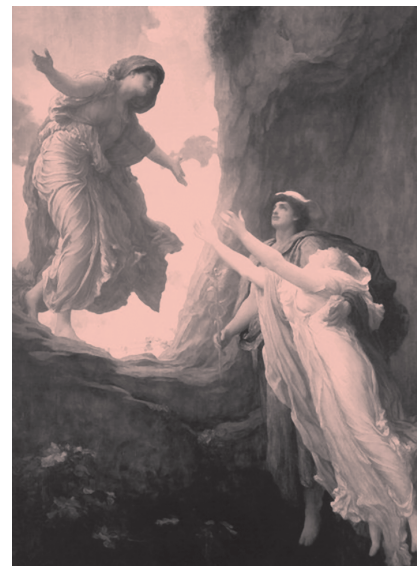
Cada dupla de mãe e filha é reeditada na geração seguinte; o que estava no palco na geração anterior, se não houve nenhum trabalho de elaboração dos conflitos e das dificuldades, tende a se repetir de uma maneira desconcertantemente próxima. Transmissão psíquica entre gerações, que é revelado com maestria no livro *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Márquez, no qual as gerações se sucedem, mas as histórias e os nomes dos personagens se repetem até não sabermos mais quem é a mãe, quem é a filha, quem é o pai, quem é o filho.

Dito de outra maneira, mais figurativa, aquilo que colocamos no porão escuro da nossa vida e que não queremos ver nunca mais aparece em nossos filhos com luzes ofuscantes. Isso é o que torna mais difícil a relação entre mãe e filha. Como assim? – o leitor pode se perguntar. O que rejeitamos em nós mesmos, geralmente aqueles sentimentos que temos, mas não aceitamos, e por isso negamos enfaticamente, pode encontrar em nossos filhos um terreno fértil. Um filho é, em parte e principalmente no início da vida, uma extensão de nós mesmos, é um projeto de continuidade, de descendência. Se os pais têm maturidade psíquica para reconhecer no filho um outro, diferente deles mesmos, as fronteiras psíquicas entre pais e filhos podem desempenhar uma importante função na qualidade desse relacionamento.

Nas relações nas quais há fronteiras permeáveis e flexíveis entre pais e filhos, o que é vivido na intimidade do lar tende a ser mais satisfatório para todos. É claro que isso é uma proposição ideal, pois as relações familiares tendem a ser as mais difíceis, justamente pela proximidade, pela ausência de fronteiras e de reconhecimento de diferenças. Com o agravante de que pais com dificuldades emocionais sérias tendem a dispor dos filhos como extensões deles mesmos, para o melhor e para o pior. Para exemplificar, são pais que diante do sucesso do filho comentam: Esse é meu filho! E diante do fracasso ou das dificuldades: Quem é esse? Não parece ser meu filho!

A partir dessa compreensão podemos pensar o seguinte: se o nosso porão está entulhado de coisas, a filha ou o filho pode assumir a ingrata tarefa de cuidar do que está ali alienado, criando teia de aranha na mente da mãe e a impedindo de ser mais inteira, mais livre e disponível psiquicamente. Uma vez que manter porões cheios de coisas exige muito trabalho mental, isto significa uma mãe ocupada (sob pressão) com aquilo que ela não quer saber de si.

Quanto mais uma mulher se dispõe a reconhecer suas dificuldades, seus fracassos, suas perdas, seus limites, maior a chance de que sua filha não precise se ocupar do que não lhe diz respeito, para ser reconhecida como uma outra pessoa e não como uma continuidade da mãe.



O RETORNO DE PERSÉFONE / UMBERTO BOCCIONI, 1911

Mas por que as filhas, e não os filhos, são convocados a tão ingrata e infrutífera função? Justamente porque a mãe se identifica com a filha e vice-versa; elas pertencem ao mesmo gênero e à linhagem feminina da família – de mãe para filha. Os projetos da mãe para sua menina podem ter como característica a realização pela filha do que foi frustrante na vida da mãe. A mãe, não aceitando o que não foi possível em sua vida, passa o bastão a sua filha para que ela tenha quase a obrigação de realizar planos de vida pertencentes à mãe. Neste caso não há o reconhecimento da individualidade da filha, há pouca diferenciação psíquica entre mãe e filha: uma é quase a total extensão/continuidade da outra.

O que mais impressiona nessa herança é que ela passa despercebida da consciência da dupla mãe-filha. No consultório, em casos com essa característica, as mulheres tendem a buscar análise por outros motivos: problemas no trabalho, dificuldade de relacionamento com homens, falta de prazer sexual, sintomas físicos diversos, transtornos alimentares, infertilidade sem causa aparente etc. A relação com a mãe é idealizada, não há o reconhecimento de que a fusão é um problema sério, pois uma complementa a outra. As queixas que mobilizam a busca de análise são aparentemente desvinculadas do relacionamento entre mãe e filha.

Cabe ressaltar que, na história entre mães e filhas, quando esta se torna mais difícil, mais conflitiva, não há vítimas nem algozes, apenas desencontro e tristeza. Há mães deprimidas, enlutadas, frustradas, incompreendidas pelas próprias mães, avós de suas filhas. Há um elo de tristeza que abrange pelo menos três gerações (avó, mãe e filha), dor e frustração de não ter sido amada e reconhecida. Não é possível oferecer a uma filha o que não se tem, o que não se herdou da própria mãe ou não se adquiriu ao longo da vida. Mas há possibilidade, há chance de que uma nova história seja construída, se essa herança esgarçada e inconsciente puder ser elaborada, e não depositada no porão da próxima geração.

A relação entre uma mãe e uma filha tem sempre aspectos difíceis, é verdade, mas quem disse que o difícil também não é surpreendente, realizador e prazeroso?



A complexidade da relação mãe-filha nos transtornos alimentares: um olhar da psicanálise

Marina Ramalho Miranda

“Mamãe vive me alertando sobre o perigo de eu comer demais:
One minute in your lips...forever in your hips!”¹

Personagem central do enredo das dinâmicas alimentares, a figura materna parece mesmo ocupar essa centralidade nos relatos, sonhos, ódios e paixões de meninas adolescentes e jovens mulheres que a nós chegam carregando em seus corpos magros e secos, ou gordos e inflados, a trama de relações sombreadas pela força de afetos pouco conhecidos.

“Você já percebeu que a palavra *stressed* é *desserts* ao contrário? Entende por que as sobremesas são tão angustiantes para nós?” Nossas pacientes continuam a nos ensinar, inadvertidamente, a dinâmica profunda dos distúrbios alimentares.

Essa é uma linguagem que denuncia as patologias dos contrários, em que a presença de afetos e emoções antitéticas, como nos ensinou S. Freud (1893), se faz notar todo o tempo. O espelho que reflete a imagem predominante em seu imaginário e que, muitas vezes, pouco tem a ver com a realidade externa, torna-se uma espécie de dislexia psíquica, em que os registros e suas representações se dão às avessas, como na relação com a mãe, cuja história de paixões se mescla com ódios e ressentimentos repetidamente vivenciados numa herança psíquica transgeracional. Porque mãe e filha vivem uma história passional, de muita dependência e muito medo e raiva da percepção dessa dependência, que, por outro lado, nutre a relação.

J. McDougall (1987) nos ensinou que mãe e filha deveriam desfazer essa unidade fusional, a partir de uma “lenta dessomatização da psique”, mas a trama que se instala nos distúrbios alimentares perturba esse processo.

A hipótese da Psicanálise está em ver os fenômenos alimentares como sintomas orais, defesas poderosas que evidenciam uma cisão corpo-mente, em que se percebe que a alma está exilada do corpo, e que a história da-

1 “Um minuto em seus lábios e para sempre em seus quadris”

7
CEPPAN n. 4/2009



IMAGEM COM O MEMÓRIA E SÃO MÃE, ARTISTA CAROLINA / SANDRO BOTTICELLI, 1494-1500 / MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO, SP

Marina Ramalho Miranda
Psicanalista membro associado
da SBPSP. Mestre e Doutora
em Psicologia Clínica
pelo Núcleo de Psicanálise
da PUCSP

quele ser passa pela história de seu corpo. Um corpo-diário que inscreve o registro de experiências emocionais que, de outra maneira, permaneceriam sem notificação.

Anorexias, bulimias, obesidades mórbidas, compulsões alimentares são, assim, diferentes maneiras de que um psiquismo pré-edípico lança mão para estampar grandes excessos e infundáveis faltas, numa vida interna em que o alimento, o corpo, o prazer e a experiência de saciedade estão perdidos, pois o sujeito está perdido de si, a alma despregada do corpo que pede, então, para ser repetidamente ressignificado...

Mãe e filha unidas pela mesma sina, sentenciadas a viver expurgadas de seus próprios desejos, que se encontram negados na escuridão dos aspectos inconscientes. Corpos engolfados que engoliram a singularidade e a possibilidade de serem únicos. Mãe e filha misturadas pela força de suas paixões, aqui entendidas do modo de ver da psicanálise francesa, paixão-necessidade², em que uma não pode mais ficar sem a outra. Adictas de seu não-saber, escravas do seu não-dizer e de sua mudez pulsional, mãe e filha encenam no corpo o que deveria estar contido na mente: como artistas da contemporaneidade, precariamente *representam* simbolicamente seus afetos de amor e ódio, e os *apresentam* no corpo, na forma de lidar com os alimentos, com o não-comer, o tudo-devorar ou o comer-o-nada.

Emagrecer poderá ter a finalidade alucinada de diminuir o tamanho da figura materna interna, favorecendo finalmente o nascimento de seu sujeito desejante (M. Mannoni, 1971), para que seu ser escape à morte. Vomitar o terror da experiência emocional de ter se identificado com as partes faltantes da figura materna internalizada sob a égide dos objetos parciais, onde *self* e objeto se fundiram sem alternativas de singularidade. Saciedade, fome e prazer estão desarticulados pela impossibilidade do reencontro com o objeto que satisfaria seu desejo.



As experiências de desprazer, por conseqüência, imperam no modo de funcionar dos distúrbios alimentares, pelo bloqueio do conhecimento dos desejos. A contra-vontade e a oposição à satisfação das necessidades básicas, como a dor, a fome e a vontade sexual, levam à inibição dos atrativos femininos, concentrados e projetados na mãe. Ela, sim, tem a permissão para comer e continuar a ser mulher, atraente e bem-sucedida.

Exageradamente investida pela filha, a mãe não suporta e não contém as projeções que recebe, e as devolve à filha, que passa a absorvê-las por conta da porosidade de sua mente. Fica, então, lotada de conteúdos emocionais que não lhe pertencem e invadem o seu ser.

Essa dinâmica tão complexa se intensifica pela não entrada da figura paterna, muitas vezes impossibilitada pela força dessa aliança feminina que

2 O leitor interessado pode consultar a obra de Piera Aulagnier em que ela desenvolve o conceito de paixão-necessidade.

expulsa o homem desse universo em que mãe e filha permanecem em fusão. Encarceram-se e eternizam essa retroalimentação, em que uma não pode parar de nutrir a outra.

Patologias femininas, especialmente as anorexias e bulimias, incidem em mulheres (90% são no sexo feminino)³ e são desencadeadas, na maioria das vezes, após dietas severas para redução do peso, ou seja, após essas mulheres revisitarem áreas antigas de privação, em que a dor não encontra guarida, já que os recursos e equipamentos para lidar com essa dor não estão disponíveis.

A Psicanálise oferece o espaço para o resgate dos sentidos, dos significados, das redes tecidas a partir do encontro de duas mentes trabalhando em íntima e fina sintonia, na busca das transformações e que, inspiradas nos versos de Píndaro (séc. V a.C.), expressariam: *torna-te aquilo que és!*

bibliografia

- Freud (1893) Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, p. 63). Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Mannoni, M. Instituição Psiquiátrica e Psicanálise II – Um caso de anorexia mental. In: *O psiquiatra, seu louco e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- McDougall, J. (1987). *Conferências brasileiras: Corpo físico, corpo psíquico, corpo sexuado* (F. Rocha, org.). Rio de Janeiro: Xenon.
- Miranda, M. R. (2003) *Anorexia nervosa e bulimia à luz da Psicanálise – a complexidade da relação mãe-filha*. Tese de doutorado defendida na PUCSP em Maio de 2003.
- Miranda, M. R. (2007) Em busca das palavras perdidas – Corpo-carcereiro da mente nos distúrbios alimentares. In *Revista IDE, Linguagem II*, nº 45, vol. 30, 2007, pp. 28-34.

3 As pesquisas apontam para o fato de que 90% das pessoas acometidas pela anorexia são jovens mulheres, o mesmo ocorrendo com a bulimia: dados extraídos do *Current Medical Diagnosis & Treatment*, ed. Lawrence Thierney, Stephen McPhee, Maxine Papadakis. Stamford: Appleton & Lange, 1999.

Ana Paula Gonzaga

Ideais Ascéticos e Ideais Estéticos: a História das Anorexias



embora os autores de *Do Altar às Passarelas*, Cybelle Weinberg e Taki Cordás, nos inquietem com a delicada questão a respeito da evolução histórica do conceito de Anorexia Nervosa, considerando até que ponto o desenvolvimento de um quadro psiquiátrico pode ser influenciado pela cultura, é também de outra perspectiva que a obra nos instiga. Ao percorrer a história, desde a Antiguidade até os dias atuais, os autores desvelam, por meio de pesquisas documentais e dos achados da clínica contemporânea, um aspecto que se sustenta ao longo do tempo: a força dos ideais.

Ao estudarem o jejum na história da humanidade, identificam e nos apresentam um pensamento agudo sobre a evolução desse comportamento. O jejum auto-imposto, obviamente, tem diferentes propósitos e atribuições: penitência religiosa, purificação, tratamento para doenças etc., mas é em especial na prática das Santas da Idade Média que identificaram indícios importantes que aproximam os quadros clínicos atuais dos propósitos daqueles. Os ideais ascéticos, o martírio, a obstinação e disciplina das “santas jejuadoras” se aproximam significativamente dos ideais estéticos impostos pela anorexia a nossas jovens jejuadoras pós-modernas.

Assim, mais do que questionar, numa rigorosa revisão crítica, a modernidade da Anorexia Nervosa e corrigir posições simplistas, que consideram a cultura atual como desencadeante desses quadros, Weinberg e Cordás contextualizam a interação de fatores biológicos, sociais e culturais na etiopatogênese desses transtornos, tendo por pano de fundo a violência dos ideais, que encontram na cultura diferentes formas de expressão.

Ana Paula Gonzaga

Psicanalista. Membro efetivo do Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Coordenadora da equipe de Psicologia, Psicoterapeuta individual e grupal do PROTAD-HC-FMUSP. Coordenadora da CEPPAN.

Insatisfação com a imagem corporal e sintomas de transtorno alimentar em mães de adolescentes com transtornos alimentares

buscou-se, neste trabalho, avaliar a presença de insatisfação corporal e sintomas de transtornos alimentares nas mães de pacientes adolescentes com transtornos alimentares, bem como comparar a insatisfação corporal e sintomas de transtornos alimentares entre as mães de adolescentes com transtornos alimentares e mães de adolescentes sem esses transtornos (grupo controle).

Para tanto, foram estudadas 35 mães de pacientes adolescentes do sexo feminino (entre 10 e 17 anos) com transtornos alimentares, no início do tratamento no Projeto Interdisciplinar de Atendimento, Ensino e Pesquisa em Transtornos Alimentares na Infância e Adolescência (PROTAD) do IPq – HC-FMUSP. Para a coleta de dados utilizou-se um questionário sociodemográfico padronizado; para definir a classe econômica foi utilizado o Questionário Socioeconômico (ANEP); para rastreamento de atitudes alimentares foi empregado o Teste de Atitudes Alimentares (EAT-26); e para a avaliação de insatisfação corporal foram utilizados o Questionário de Imagem Corporal (BSQ) e a Escala de Silhuetas de Stunkard. Os resultados foram comparados com um grupo controle, constituído por 35 mães de adolescentes do sexo feminino (entre 10 e 17 anos) e estudantes de um colégio particular da cidade de São Paulo.

Nos dois grupos não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na insatisfação da imagem corporal nem na sintomatologia alimentar. Mães de pacientes adolescentes do sexo feminino com transtornos alimentares não apresentaram níveis de insatisfação corporal diferentes das encontradas em mães de filhas adolescentes sem transtornos alimentares. No entanto, existe uma correlação entre a insatisfação corporal e a sintomatologia alimentar medida pelo EAT, comum aos dois grupos estudados, sugerindo que, quanto maior a insatisfação corporal, maior a probabilidade de apresentar sintomas alimentares.



VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE TRANSTORNOS ALIMENTARES E OBESIDADE

DIÁLOGOS ENTRE A CIÊNCIA, A CLÍNICA E A CULTURA

- ✓ O maior evento de transtornos alimentares no Brasil (congresso bienal)
- ✓ Ampla participação de profissionais da área de saúde
- ✓ Participação de convidados nacionais e internacionais, com reconhecida expertise na área clínica e de pesquisa
- ✓ Cursos, mesas-redondas, apresentações de trabalhos originais, entre outras atividades
- ✓ Evento cultural para a comunidade

11-13 Junho 2009

Pré Congresso

11 de Junho

Anfiteatro CAPS Itapeva
Rua Dr. Carlos Comenale, 32

Congresso

12-13 de Junho

Centro de Convenções e
Exposições Frei Caneca

São Paulo, Brasil



www.cbtao.com.br

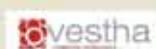
REALIZAÇÃO



PROMOCÃO E ORGANIZAÇÃO



COMERCIALIZAÇÃO



APOIO

